



**UM AUTISTA EM CENA: ALICE NO SERTÃO DAS MARAVILHAS E OUTRAS
HISTÓRIAS.**

Anderson Gomes dos Santos
anderson_pedagogia@hotmail.com

RESUMO: O Ensino de Arte na Educação Básica deve compor para o aluno uma prática em quatro linguagens artísticas: dança, artes visuais, música e teatro. Deve ser preservado todo tipo de vivência artística dos estudantes em seus espaços comunitários e familiares. Na prática do Ensino de Arte a perspectiva precisa ter um contexto sensível e crítico vivenciando espaços para criações e produções espontâneas promovendo a criatividade dos estudantes. A prática aconteceu na Escola Estadual Graciliano Ramos, em Palmeira dos Índios-AL. A pergunta a ser respondida ao final do trabalho foi a seguinte: as práticas teatrais podem contribuir no desenvolvimento das habilidades em flexibilidade, imaginação, interação social e comunicação diante das dificuldades apresentadas por pessoas com Transtornos de Espectro Autista? O objetivo da pesquisa foi consolidar as contribuições da prática teatral em um estudo de caso, a pesquisa é de caráter qualitativo, no desenvolvimento de aprendizagens artísticas para um estudante com autismo no ensino médio integral. Foram duas experiências teatrais, através das peças teatrais, Alice no Sertão das maravilhas e Menina lê o mundo, olha o céu e risca o chão. A prática contribuiu de forma essencial principalmente no ensino e aprendizagem dos estudantes do ensino médio envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Teatro. Autismo. Ensino Médio.

**AN AUTIST ON THE SCENE: ALICE IN THE SERTÃO DAS MARAVILHAS AND
OTHER STORIES.**

ABSTRACT: The Teaching of Art in Basic Education must compose for the student a practice in four artistic languages: dance, visual arts, music and theater. All types of artistic experience of students in their community and family spaces must be preserved. In the practice of Art Teaching, the perspective needs to have a sensitive and critical context, experiencing spaces for spontaneous creations and productions, promoting students' creativity. The practice took place at the Graciliano Ramos State School, in Palmeira dos Índios-AL. The question to be answered at the end of the work was the following: can theatrical practices contribute to the development of skills in flexibility, imagination, social interaction and communication in the face of the difficulties presented by people with Autism Spectrum Disorders? The objective of the research was to consolidate the contributions of theatrical practice, in the development of artistic learning for a student with autism in full high school. There were two theatrical experiences, through the theatrical plays, Alice no Sertão das Maravilhas and Menina reads the world, looks at the sky and scratches the ground. The practice contributed in an essential way, mainly in the teaching and learning of the involved high school students.

KEYWORDS: Art. Theater. Autism. High

INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) trata-se de um distúrbio que é caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. Nessa perspectiva os autistas podem ter dificuldade em interpretar sinais não verbais contextualizados por outras pessoas. Nesse contexto, a Educação Básica assume um espaço de destaque nas ações específicas de formação dos estudantes e na construção de práticas educacionais que tenham uma articulação dos conhecimentos das diferentes áreas do conhecimento para a formação do sujeito com autismo. Nesse sentido a vivência com teatro é pertinente para crianças ou adolescentes no contexto escolar, colaborando com uma ideia de que cada pessoa é e tem em si própria um arquivo, uma reserva de experiências, saberes, textos e principalmente imagens utilizando como principal “material de trabalho o próprio corpo, cujo, que reage, que se abre, que tem memórias, que diz, que é potente e capaz de uma construção de relações” (MOZON, p. 33, 2015).

Na Escola Estadual Graciliano Ramos a prática teatral com alunos da educação especial iniciou no ano de 2013, a referida instituição tem como concepção a busca pelo alcance da inserção nos apontamentos legais pela LDB 9394/96, no que se refere a uma educação na perspectiva da inclusão e da diversidade, a filosofia adotada é aquela que contempla a escola como um espaço para todos, com a presença marcante da heterogeneidade que revela princípios, atitudes, culturas e formação diferenciadas, criando as relações interpessoais que tanto enriquecem e contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem e aquisição de cultura entre professores e alunos. Quanto à inclusão, a proposta maior é buscar adaptar as estruturas de natureza física, humana e pedagógica oferecidas pela Escola aos anseios dos alunos que apresentam algum tipo de necessidade especial, propiciando assim uma relação tranquila e harmoniosa no desenrolar de todo o processo educativo.

A instituição possui uma Sala de Recursos Multifuncionais, que é uma alternativa para promover o atendimento educacional especializado aos educandos sem que seja preciso removê-los definitivamente do convívio da escola no sistema regular de ensino. Segundo o Decreto 6.571 de 17 de setembro de 2008, o atendimento educacional especializado, é definido como o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no

ensino regular. Nesse ambiente o aluno é atendido individualmente ou em pequenos grupos, por professor especializado e em horário contrário ao que frequenta no ensino regular. O ambiente da sala de recursos tem equipamentos, materiais e recursos pedagógicos específicos à natureza das necessidades educacionais especiais do aluno, onde se oferece a complementação ou suplementação do atendimento educacional realizado em classes do ensino regular.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL.

As vivências teatrais iniciadas em 2013 foram consolidadas com apresentação de vídeos sobre o teatro, sua origem, e sua importância na sociedade. A turma era composta por alunos com deficiência intelectual, síndrome de Down e autista. Nesta primeira foram utilizadas a metodologia do Teatro do Oprimido (TO) que é um método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. De acordo com o que sugere Boal (2005, p.9):

O Teatro do Oprimido é teatro na acepção mais arcaica da palavra: todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. Somos todos espect.-atores. O Teatro do Oprimido é uma forma de teatro, entre todas as outras. [...] Todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores

Os seus principais objetivos são a democratização dos meios de produção teatral, o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a transformação da realidade através do diálogo. Ao mesmo tempo, estabelece toda uma nova técnica para a preparação do ator. Foi utilizada uma sequência de conteúdos curriculares que compreenderam aspectos teóricos e práticos como Jogos e exercícios teatrais, expressão corporal e oral, apreciação teatral, contação de histórias, Jogos populares e dramáticos, improvisações livres e regradas, simulação de cenas, teatro baseado em fatos, trabalhando os sentidos, experiência coletiva, trabalhando o teatro com corpo, jogos e exercícios em aquecimento físico.

[...] os jogos ajudam a desmecanização do corpo e da mente alienados às tarefas repetitivas do dia a dia [...]. Os jogos facilitam e obrigam a essa desmecanização sendo, como são, diálogos sensoriais onde, dentro da disciplina necessária, exigem a criatividade que é a sua essência (BOAL, 2013, p. 16).

O Teatro do Oprimido é um teatro das classes oprimidas e dos oprimidos. A metodologia de trabalho, determina uma preparação do indivíduo para ações reais na sua vivência habitual e social buscando a libertação. (BOAL, 2005).

Na primeira categoria, procuramos diminuir a distância entre sentir e tocar; na segunda categoria, entre escutar e ouvir; na terceira, tentamos desenvolver os vários sentidos ao mesmo tempo; na quarta, tentamos ver tudo aquilo que olhamos. Finalmente, os sentidos têm também memória, e nós vamos trabalhar para despertá-la (BOAL, 2008, p. 89).

Para fins objetivos foram estabelecidas diversas abordagens que se precisava alcançar, a partir de possibilitar aos alunos a prática teatral com jogos e exercícios teatrais; compreender o processo de estética dos alunos, reconhecer que a cultura se concretiza nas ações do ser humano, promover a valorização da cultura local, enfatizando o gênero causo, estudando a obra de Graciliano Ramos: Alexandre e outros heróis.

As narrativas de Alexandre são um conjunto de contos que se afasta da tradição realista e envereda pela imaginação. Distanciam-se do real lógico e flertam com o fantástico e o maravilhoso. Os acontecimentos que se passam nos contos narrados por Alexandre e confirmados por Cesária, sua esposa e atestadora da verdade do fato narrado, não encontram sustentação no chamado mundo real, lógico e palpável (VASCONCELOS, 2020, p. 96).

Outros objetivos foram estudar a obra de Graciliano Ramos, valorizar os escritores locais e a tradição oral, desenvolver o interesse e o gosto por sua identidade cultural, aproximar os alunos do contexto e valores da sua cultura local, pesquisando a sociedade de Palmeira dos Índios nos anos 40, período da publicação da obra, contemplando os aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos; Pesquisar frases do Escritor Graciliano Ramos e divulgar em painéis pintados no muro da Escola, possibilitar aos alunos vivências de leitura e de escrita em que possam atuar, de fato, como leitores e produtores de seus próprios textos e demais formas de produção (vídeo, slides, áudio etc.), com a temática voltada para a cultura popular, destacando os causos contados e recontados de sua região; reproduzir a obra estudada em forma de teatro.

O teatro é uma linguagem artística carregada de potencialidade autotransformadora que permite a transformação social, tendo em vista a amplitude das questões por ela contempladas. As atividades das aulas de teatro para sujeitos com deficiência exigem a mobilização da atenção, memória, percepção espacial e corporal, expressividade, criatividade e imaginação, dentro dos seus limites (OMAR, 2015, p. 04).

Os alunos com deficiência precisam de práticas teatrais para que os mesmos possam usar o corpo, através de jogos e exercícios, e nesse sentido foram desenvolvidas diversas atividades nesse contexto de vivência cênica, a metodologia utilizada nesse processo foi o teatro do oprimido, não somente com a utilização dos jogos e exercícios, mas também com a utilização da produção de cena que pudessem ser observadas a luta contra qualquer tipo de preconceito contra as pessoas com deficiência. Jogos teatrais não são designadas como passatempo do

currículo, mas sim como complementos para a aprendizagem escolar, ampliando a consciência de problemas e ideias fundamental para o desenvolvimento intelectual dos alunos. (SPOLIN, 2008. p. 29.). Conforme as Diretrizes Curriculares:

[...] o teatro na escola promove o relacionamento do homem com o mundo. E numa sociedade que não compreende o sujeito em sua totalidade, fragmentando-o, surge a necessidade de integrar as partes que compõem esse sujeito, desenvolver a intuição a razão por meio das percepções, sensações, emoções, elaborações e racionalizações, com objetivos de proporcionar ao aluno uma melhor maneira de relacionar-se consigo e com o outro. (2008.p. 78).

O Teatro do Oprimido é ponto importante para auxiliar nestas produções, o mesmo parte do princípio de que a linguagem teatral é a linguagem humana que é usada por todas as pessoas no cotidiano. Sendo assim, todos podem desenvolvê-la e fazer teatro. Desta forma, o Teatro do Oprimido cria condições práticas para que o oprimido se aproprie dos meios de produzir teatro e assim amplie suas possibilidades de expressão. Além de estabelecer uma comunicação direta, ativa e propositiva entre espectadores e atores. É fundamental compreender que no processo de produção artística o respeito às diferenças é importante para que todos sejam integrados e incluídos nestes espaços. De acordo com Fonseca,

(...) nos nossos dias, o direito de ser diferente é também visto como um direito humano, que passa naturalmente pela análise crítica dos critérios sociais que impõe a reprodução e preservação de uma sociedade (e de uma escola) baseada na lógica da homogeneidade em normas de rentabilidade e eficácia, que tendem facilmente a marginalizar e a segregar quem não acompanha as exigências e os ritmos sofisticados (FONSECA, 1995, p.44).

Essa compreensão foi necessária para a segunda etapa que se concretizou a partir a discussão sobre a obra de Alexandre e outros heróis, neste momento foi escolhida do livro A Primeira História de Alexandre para que os alunos pudessem iniciar os ensaios e preparar para a apresentação para toda comunidade escolar.

Alexandre é o mentiroso nato, um Barão de Munchausen caboclo, que todas as noites conta para os vizinhos as suas fantásticas aventuras. Esse tipo, que existe em todo o folclore mundial, foi magnificamente retratado por Graciliano Ramos nas suas feições nordestinas em “Alexandre e outros heróis”, livro irônico, bem-humorado, escrito inicialmente para crianças mas no qual os adultos acham ainda mais graça. (LINS, 1982, p. 180).

A obra Alexandre e Outros Heróis (1944) de Graciliano Ramos é o nome de um livro que foi dado à reunião de três obras do escritor brasileiro Graciliano Ramos: Histórias de Alexandre (contos do folclore infanto-juvenil), Pequena História da República (sátira à história

do Brasil, inédita até então) e A Terra dos Meninos Pelados (infantil). As Histórias de Alexandre ou a Terra dos Meninos Pelados são importantes obras para trabalhar no contexto da inclusão, principalmente na realidade do ensino médio.

(...) A inclusão escolar é o processo de adequação da realidade das escolas à realidade do alunado que, por sua vez, deve representar toda a diversidade humana. Nenhum tipo de aluno poderá ser rejeitado pelas escolas. As escolas passam a ser chamadas de inclusivas no momento em que decidem aprender com os alunos o que deve ser eliminado, modificado, substituindo ou acrescentando nas seis áreas de acessibilidade (arquitetônica, atitudinal, comunicacional, metodológica, instrumental e programática), a fim de que cada aluno possa aprender pelo seu estilo de aprendizagem e com o uso de todas as suas inteligências. (Sasaki, 2004, p.2-3).

A Integração e inclusão na efetivação das ações pedagógicas da Sala de Recursos Multifuncionais foram substanciais para as atividades e o acompanhamento pedagógico especializado que acontece na escola.

A Sala de Recursos Multifuncionais é organizada como sala Tipo I e Tipo II. As do Tipo I são planejadas para atender às pessoas com as mais diversas deficiências, à exceção da pessoa com deficiência visual, que é contemplada na sala Tipo II. Portanto, os equipamentos que compõem as salas do Tipo I, são para atender a todas as deficiências e, no entanto, os equipamentos que integram a lista que é enviada pelo MEC, não atendem às Deficiências Intelectuais. (VIEIRA, 2012, p.54).

Além dessa proposta de inclusão, outro aspecto qualificador é o instrumento importante na efetivação dessas políticas, é o Projeto Político Pedagógico (PPP).

UM AUTISTA EM CENA: AS PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM A PEÇA TEATRAL

O aluno G.F. da 1ª série do ensino médio (2021), sempre demonstrou interesse por processos artísticos (desenho, criação de histórias e teatro). E logo se colocou a disposição para participar do “Grupo Teatral Os Loucos Também Amam” (grupo de teatro fixo da escola). O referido aluno dentro da divisão de níveis do autismo encontra-se no leve/nível 1, já que realiza suas atividades com independência, sem necessitar de muita ajuda, com compreensão e cumprimento de regras e rotinas, desempenhando atividades da vida diária com autonomia, sempre aprendendo a lidar com as dificuldades. O estudante apresenta dificuldades quanto a dicção, sendo o teatro um instrumento que pode auxiliar nesse processo, seus personagens precisam utilizar da expressão corporal. Para autistas severos/nível 3, que tem limitação no

processo da fala, muitos são não verbais, a partir do teatro os mesmos podem compreender e expressar as emoções, utilizando jogos e exercícios cênicos a partir das expressões faciais. A participação teatral do G. F. contextualizou de duas formas:

Peça Teatral: Alice no Sertão das Maravilhas

Essa peça foi uma adaptação do livro “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas”, que em seu resumo é uma obra infantil mais conhecida de Charles Lutwidge Dodgson, publicada a 4 de julho de 1865 sob o pseudônimo de Lewis Carroll. É uma das obras mais célebres do gênero literário nonsense.

O fato de a legitimação social estar intrinsecamente presente desde o início não a torna descartável nem menos presente, pois a personagem Alice (ALICE, 2010) assume dentro da sua construção dois papéis: o primeiro de ver a si própria como a predestinada e em segundo lugar de conscientizar-se que a legitimação que a sociedade a impõe é real e crível (CAMPBELL, 1995).

O livro conta a história de uma menina chamada Alice que cai numa toca de coelho que a transporta para um lugar fantástico povoado por criaturas peculiares e antropomórficas, revelando uma lógica do absurdo, característica dos sonhos. Este está repleto de alusões satíricas dirigidas tanto aos amigos como aos inimigos de Carroll, de paródias a poemas populares infantis ingleses ensinados no século XIX e também de referências linguísticas e matemáticas frequentemente através de enigmas que contribuíram para a sua popularidade. É assim uma obra de difícil interpretação, pois contém dois livros.

Menina lê o mundo, olha o céu e risca o chão

Essa peça mostrava uma menina que era imensamente sonhadora, e com sua imaginação embarcava em uma viagem no espaço levada por um trem, o nosso aluno com autismo interpretou o maquinista, tendo papel fundamental na sequência do espetáculo.

A primeira experiência aconteceu no Sarau “Um chá com Alice” “Alice no País das Maravilhas” com o objetivo de despertar o gosto pela leitura em alunos do Ensino médio. É sabido, que o ato de ler é uma prática essencial para o aprimoramento de relações entre os indivíduos e os assuntos que cercam o mundo. Em virtude disso, trabalhar a leitura de forma dinâmica e engajada, como meio de interação e produção de sentidos. A proposta foi trabalhada

de forma interdisciplinar, tendo em vista que as interações promovidas, ampliarão o cognitivo do ser, adaptando outros olhares a uma mesma leitura.

As aventuras de Alice são genuinamente oníricas, o autor soube reproduzir as regras de construção dos sonhos e também por isso nossa empatia com essa história é forte, afinal visitamos a cada noite o mundo mágico dos sonhos. Dependendo da conexão que temos com nosso inconsciente, podemos lembrar mais ou menos deles, mas todo mundo sonha. Nosso cérebro não desliga [...], ele aproveita o repouso para reacomodar as experiências diurnas, equilibrar as tensões e alucinar soluções para as pendências não resolvidas, os desejos insatisfeitos. O resultado são nossos sonhos e pesadelos. (CORSO; CORSOL 2011, p. 288).

O trabalho com a obra supracitada foi desenvolvido no mês de setembro e outubro de 2021. A escolha do livro partiu da diversidade de temas presentes na obra de Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas, o que facilita para um trabalho interdisciplinar.

De modo geral, a interdisciplinaridade, esforça os professores em integrar os conteúdos da história com os da geografia, os de química com os de biologia, ou mais do que isso, em integrar com certo entusiasmo no início do empreendimento, os programas de todas as disciplinas e atividades que compõem o currículo de determinado nível de ensino, constatando, porém, que, nessa perspectiva não conseguem avançar muito mais (BOCHNIAK, p. 21, 1998).

É necessário romper com essa tendência fragmentada que se instalou no processo do conhecimento, tendo em vista que os conhecimentos de diferentes disciplinas se completam. Nesse sentido, trabalhar a leitura levando em consideração diversas áreas de conhecimento, aumenta as possibilidades de interpretação e interação de alunos e professores com a obra. Não é difícil encontrar com alunos que possuem dificuldades em interpretar enunciados e problemas matemáticos.

Ensinar a formular e a responder perguntas sobre um texto é uma estratégia essencial para uma leitura ativa, pois o leitor capaz de formular perguntas pertinentes sobre o texto está mais capacitado para regular seu processo de leitura e, portanto, poderá torná-lo mais eficaz. (SOLÉ, 1998, p.155).

Os professores de Matemática geralmente recorrem ao professor de Língua Portuguesa para amenizar esta situação. Porém, a responsabilidade de desenvolver a leitura e a interpretação dos alunos é responsabilidade dos professores de todas as disciplinas escolares. Por sentir falta de um engajamento maior entre as disciplinas escolares, surgiu esse projeto.

Portanto, os professores precisam assumir, em conjunto, a responsabilidade de despertar nos discentes o hábito de ler.

Uma leitura chama o uso de outras fontes de informação, de outras leituras, possibilitando a articulação de todas as áreas da escola. Uma leitura remete a diferentes fontes de conhecimentos, da história à matemática. Nesse sentido, leitura e escrita são tarefas fundamentais da escola e, portanto, de todas as áreas (SEFFNER, 2000, p.121).

Na adaptação para a apresentação no sarau foi produzido um texto com adaptação, trazendo para realidade do nordeste, a peça Alice no Sertão das Maravilhas, tem como objetivo difundir a cultura nordestina.

O que importa não são as obras em si, mas a maneira como são coletivamente interpretadas, maneiras que as próprias obras dificilmente poderiam ter previsto. Tomadas em conjunto, elas são apresentadas como evidência da unidade atemporal do espírito humano, da superioridade do imaginativo sobre o real, da inferioridade das ideias com relação aos sentimentos, da verdade de que o indivíduo está no centro do universo, da relativa desimportância do público com relação à vida interpessoal, ou do prático com relação ao contemplativo e outros preconceitos modernos desse tipo. Mas poder-se-ia igualmente bem interpretá-las de modo bem diferente. Não é Shakespeare que não tem mérito, e sim apenas alguns dos usos sociais que tem sido feitos de sua obra. (EAGLETON, 2005, p. 81).

Nesse sentido, todos os personagens, com exceção de Alice, foram substituídos por equivalentes brasileiros, assim o Chapeleiro se torna o Cangaceiro Aluado, o Coelho Branco é substituído pelo Tatu Galego e o caso final não trata do roubo de tortas, mas sim de tapiocas. O ator G. F. fez o papel do Bode personagem que aliava falas e gestos.

Outro espaço cênico de atuação do ator G.F. foi à experiência no Grupo Teatral Os Loucos Também Amam, o trabalho do grupo acontece de forma colaborativa com os estudantes nas etapas de cada projeto é uma forma de aproximar os estudantes da compreensão, como também consolidar que a prática/produção deve ser efetiva. A peça trabalhada foi com base na comemoração do centenário de Paulo Freire.

A paixão de Paulo Freire não foi somente o desenvolvimento da educação, mas também a democracia. Paixão alimentada pela crença de que o desenvolvimento estava ao alcance dos brasileiros no momento histórico em que o país apresentava elevada taxa de analfabetismo, nos anos 1960. A ideia é simples e poderosa. Só essa paixão explica a força de seu pensamento. Sua esperança foi grande com o desenvolvimento da política educacional dos oprimidos, mas a desilusão e a frustração com os rumos da política

educacional do país enquanto “depósito de conteúdo” foram maiores ainda (CARMINATTI; GOULARTI, 2021, p.01).

O espetáculo Menina lê o mundo, olha o céu e risca o chão, fala sobre sonhos e o quanto que essas possibilidades podem começar a partir da visão que cada aluno tem ao chegar na escola. O ator G.F atuou como o Maquinista, que levava as pessoas para compreender os mundos que poderiam viver a partir dos seus sonhos e perspectivas.

RESULTADOS

Os resultados apresentados aqui compõem seis aspectos de benefícios proporcionados pelo teatro para alunos com autismo. O quadro abaixo apresenta se o ator G.F. foi efetivo nas possibilidades artísticas e cênicas.

Benefício	Correspondeu	Não correspondeu
1. Autoconhecimento e a comunicação.	Correspondeu apresentando habilidades de comunicação verbal e corporal.	Não se aplica.
2. Aumento da autoestima	Correspondeu mostrando sua capacidade de realizar.	Necessário o desenvolvimento de competências socioemocionais.
3. Interação entre alunos	Interação na contextualização das ideias de roteiro e ensaio.	Necessita da escuta
4. Leitura e estimula a criatividade	Correspondeu apresentando roteiros próprios.	Não se aplica
5. Senso de responsabilidade e comprometimento	Correspondeu, inclusive chamando a atenção dos colegas com relação a atrasos e faltas nos ensaios.	Não se aplica
6. Consciência corporal	Correspondeu com desenvolvimento de expressão e	Necessário um trabalho mais intenso no contexto da

	comunicação, maior interação entre alunos.	coordenação dos movimentos corporais.
--	--	---------------------------------------

Fonte do Autor

Esse resultado apresentado no quadro acima contextualiza fatores que ainda precisam ser aprimorados no campo das artes cênicas, a contribuição dessa prática foi importante no campo da inclusão no âmbito escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É responsabilidade da escola e dos educadores buscarem estratégias que visem a sanar dificuldades dos alunos e buscar instrumentos diferenciados para potencializar suas aprendizagens. As peças teatrais não se limitaram aos saberes e a ação de aprendizagem aconteceu no envolvimento de diversos conhecimentos, por se tratar de uma construção coletiva a partir da apropriação assunto a ser encenado e de demais ações que permitem o aprimoramento de habilidades na apreciação teatral. Sendo a arte uma expressão de comunicação, foi de fundamental importância garantir ao aluno com autismo a socialização de suas habilidades, garantindo assim um espaço para se expressarem e demonstrarem suas ideias, suas descobertas e suas atitudes. A prática de Artes Cênicas faz com possam exercitar os aspectos cognitivos, sensitivos, afetivos, imaginativos e de fins estéticos, é claro que dentro de limites que devem ser respeitados.

Nesse contexto podemos concluir que o diálogo sobre arte e inclusão pode ser uma importante prática no contexto escolar. Esse diálogo interdisciplinar no ensino médio pode estabelecer conexões diferenciadas, ampliando possibilidades tanto para o ensino quanto a aprendizagem. O teatro pode dinamizar de forma a facilitar, aproximar e a consolidar os conceitos diversos tendo a arte em sua amplitude ou buscando apoio de forma interdisciplinar. Assim, são cruciais as ações interdisciplinares no contexto escola com a prática contínua e que possa estabelecer não só uma ampliação no formato de ensino, principalmente outras possibilidades capazes de tornar viável a aprendizagem dos alunos que participaram de todo o processo.

REFERÊNCIAS

BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola**. 2 Edição. Editora Loyola. Soa Paulo, 1998.

- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11a Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- BRASIL Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da União, 23 de dezembro de 1996.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Decreto n. 6.571, de 17 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007. Brasília, 2008.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. 11ª. Ed. São Paulo: Pensamento, 1995.
- CARROLL, L. **Alice no País das Maravilhas**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.
- CARMINATTI, Luciane.GOULARTI, Juliano Giassi. **Centenário de Paulo Freire: o mestre de todos nós educadores**, Santa Catarina, 2021.
- CORSO, M.; CORSO L. D. **A Psicanálise na Terra do Nunca** : Ensaio sobre a Fantasia. Porto Alegre: Penso, 2011.
- EAGLETON, Terry. **Ideia de cultura**. São Paulo: Edunesp, 2005.
- FONSECA, Vitor da. **Educação especial: Programas de Estimulação Precoce – Uma Introdução às Idéias de Fuertein**. 2 ed. rev.aum. Porto Alegre: artes Médicas, 1995.
- LINS, O. **O mundo recusado, o mundo aceito e o mundo enfrentado**. (Posfácio). In. RAMOS, G. Alexandre e outros heróis. Ilustrações Moraes. Rio, São Paulo: Record, 1982.
- MONZON, Ana Carolina. **Dramaturgia em processo**. Revista Aspas, v. 5, n. 2, p. 29- 40, 31 dez 2015.
- OMAR, Amanda Caline da Silva. **TEATRO E DEFICIÊNCIA: em busca de uma metodologia inclusiva**. XIII congresso internacional de tecnologia na educação. Recife, 2015.
- PARANÁ, Secretária de Estado da Educação do. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica ARTE**. Curitiba: SEED, 2008.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão, construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SEFFNER, Fernando. A Universidade e a Formação Continuada. **In:** MARCHI, Diana Maria;

SCHÄFFER, Neiva Otero (orgs.). Educação de Jovens e Adultos- Propostas para Ações. Porto Alegre: Evangraf, 2000.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na sala de aula: um manual para professor**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VASCONCELOS, Francisco Fábio Pinheiro. **O reino dos homens-narrativas nos contos de Alexandre e outros heróis de Graciliano Ramos**. Revista Digital do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, v. 12, n. 1, 2020.

VIEIRA, C. T. M. **O atendimento nas salas de recursos multifuncionais aos alunos com deficiência intelectual na rede municipal de Macapá**. 2012. 76 p. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Regional) – Fundação Universidade Federal do Amapá. Macapá, 2012.